

humanitas

Vol. XLIII-XLIV

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XLIII-XLIV

HUMANISMO PORTUGUÊS
NA ÉPOCA DOS DESCOBRIMENTOS

CONGRESSO INTERNACIONAL
(Coimbra, 9 a 12 de Outubro de 1991)

ACTAS



COIMBRA

MCMXCI - MCMXCII

DESCOBERTAS FILOLÓGICAS E DESCOBRIMENTOS
PORTUGUESES NUMA CARTA DE ALDO MANUZIO
A LEÃO X (1513)

JOSÉ V. DE PINA MARTINS

Ao Prof.Doutor Américo da Costa Ramalho,
por tantos e tão eminentes serviços
que tem prestado
aos estudos sobre o Humanismo renascentista em Portugal,
homenagem.

Quando, em 1494, Aldo Manuzio inicia na cidade de Veneza a sua actividade de impressor, apresta-se à realização de um projecto educativo ou de formação intelectual, através da publicação das obras-primas mais valiosas das letras clássicas greco-latinas e da cultura moderna novilatina e vulgar⁽¹⁾. Embora, já antes desta data, o animasse o propósito de editar o mais rigorosamente possível os textos fundamentais da literatura e do pensamento helénicos, era sua intenção proceder do mesmo modo pelo que diz respeito aos escritos latinos e italianos. Para alcançar este objectivo teve de vencer dificuldades muito grandes, desde a preparação e o aperfeiçoamento das matrizes e dos caracteres, fundidos a partir de um modelo desenhado, até à aquisição de manuscritos antigos, de proveniências diversas, mercedores de crédito. A edição monumental do Aristóteles grego de 1495-1498 pressupõe um logo tirocínio técnico

(1) Ver, a tal respeito, as observações nem sempre rigorosas mas geralmente problemáticas, de Martin Lowry, em *Le Monde d'Aldo Manuce*, Paris, Promodis-Éditions du Cercle de la Librairie, 1989, principalmente os capítulos "L'Humaniste vagabond", pp. 57-80 e "Heurs et malheurs d'une entreprise", pp. 118-187. Martin Lowry, apesar da opulência das fontes documentais que utilizou, não consegue invariavelmente situar-se na perspectiva exacta da época de Aldo Manuzio. Tem o mérito, porém, de interpretar os projectos editoriais aldinos à luz dos seus objectivos de educação humanística.

e linguístico. Embora alguns críticos não hesitem, à luz da ciência filológica de hoje, sublinhar a existência de imperfeições na edição aristotélica de Aldo Manuzio⁽²⁾ – cuja importância Michelet chegou a comparar inadequadamente ao achamento da América⁽³⁾ –, Erasmo funda-se ainda nesta edição para fixar, trinta e três anos depois, a lição textual do seu Aristóteles dedicado a John More, filho do seu melhor amigo, o humanista Thomas More, então chanceler do reino de Inglaterra⁽⁴⁾. Aldo Manuzio teve a sorte de beneficiar da colaboração de grandíssimos filólogos, o maior dos quais, pelo que diz respeito à língua grega, foi talvez o cretense Marcus Musurus, escoliasta das nove comédias da edição *princeps* do Aristófanes de 1498 onde junta, ao de Aldo, um seu prefácio arduamente composto em que não hesita colocar o então recente texto aristofânico, pela sua fidelidade e pureza, ao nível do Aristóteles grego concluído nesse mesmo ano⁽⁵⁾.

De 1498 a 1513 multiplicam-se as edições em tiragens de 1.000 e mesmo 3.000 exemplares, em diversos formatos e, principalmente, depois do Vergilius e do Petrarca de 1501, no formato de *enchiridion* ou de manual, o lindo e manuseável oitavo que tanto êxito viria a alcançar nas escolas⁽⁶⁾. Aldo Manuzio reúne em Veneza os melhores gramáticos gregos e latinos de então e também os melhores conhecedores da tradição literária desde Dante e Petrarca. Não receia também publicar edições dos seus contemporâneos, tais, por exemplo, Bembo e Sannazzaro⁽⁷⁾. A sua acti-

- (2) Martin Lowry e, já antes, outros investigadores têm-se apostado em diminuir, à luz da crítica textual moderna, esta e outras edições aldinas. Veja-se especialmente *Le Monde d'Aldo Manuce*, sobretudo no capítulo "Choix des auteurs et méthodes d'édition", pp. 225-263.
- (3) Acerca da visão talvez demasiado exaltante do Renascimento humanístico italiano formulada por Michelet (*Renaissance*, Paris, 1857, sobretudo nas pp. 367-374), ver o meu *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal - Les deux regards de Janus*, Lisboa-Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1989, principalmente o capítulo "A propos du concept d'Humanisme à la Renaissance", volume I, pp. 53-58.
- (4) Erasmo indica-o claramente na epístola nuncupatória, mencionando a famosa edição aldina de 1495-1498. Aliás, Martin Lowry, *op. cit.*, p. 71, escreve: "Erasmus avait entièrement raison de trouver Alde trop scrupuleux".
- (5) Veja-se, a tal respeito, a terceira edição de *Annales de L'Imprimerie des Alde, ou Histoire des trois Manuce*, por Ant. Aug. Renouard, Paris, 1834, pp. 16-17.
- (6) Embora Martin Lowry procure atenuar a importância do pequeno formato aldino para a expansão da cultura, sublinhando que os preços praticados por Aldo Manuzio não eram inferiores e, não raro, eram mesmo superiores aos praticados pelos seus confrades impresores, há uma quase unanimidade entre os estudiosos do humanismo renascentista para evidenciar os serviços insígnies prestados pela bibliopola aldina à difusão das letras gregas, latinas e italianas.
- (7) Ant. Aug. Renouard, *op. cit.*, pp. 48-49 (*Gli Asolani* de Bembo) e p. 68 (*Arcadia* de Sannazzaro).

vidade de editor de textos e de impressor tem algo de prodigioso, na opinião dos melhores especialistas desta área. O próprio Erasmo, que se orgulha de mandar imprimir em 1508 nos prelos aldinos aquela edição dos *Adagia* que é o ponto de partida de todas as que irá publicar até 1536, ano da sua morte, possui na sua biblioteca edições gregas e latinas impressas na oficina aldina do Rialto⁽⁸⁾: nunca virá a esquecer, trabalhando na tipografia frobeniana de Basileia, a colaboração que em Veneza recebera não só de Aldo Manuzio mas dos outros membros da tão famosa como efêmera Academia aldina de estudos gregos. Um deles, o então ainda jovem Aleandro, estava destinado a iniciar os humanistas franceses, incluindo Guillaume Budé, na filologia grega. Veio a ser professor e reitor da Sorbonne e foi mais tarde, em tempos difíceis, núncio do Papa e um rígido assertor da ortodoxia romana⁽⁹⁾.

1. Julgam alguns investigadores que até com as suas numerosas edições latinas impressas de 1501 a 1515, Aldo Manuzio se propunha afirmar o primado da excelência doutrinal, literária e artística das produções culturais helénicas⁽¹⁰⁾. Lucrécio, por exemplo, editado em 1500 num volume de formato grande - não o in-folio mas o in-quarto-, recomendava em toda a sua obra a lição filosófica de grego Epicuro, cujo pensamento informa todo o poema (*De natura rerum*). Ora o *Lucretius* é exactamente, na sua reedição, o último livro impresso por Aldo, um mês antes de morrer. Nas páginas preliminares figura uma carta sua ao seu entusiástico Mecenas, o príncipe

(8) Fritz Husner, *Die Bibliothek des Erasmus*, in *Gedenkschrift zum 400. Todestage des Erasmus von Rotterdam*, Basileia, Erasmushaus, 1936, pp. 228-259. Na lista bibliográfica apresentada com uma ordenação numérica progressiva, não são poucas as edições devidamente referenciadas como aldinas, tais os números 123 (*Lucianus graece*), 127 *Ἐπιτομὴ*; 13 *autorum graece*), 157 (*Quintilianus*), 208 (*Plutarchi opuscu. 92 grae.*), 218 (*Platonis opera graece*-a edição a que se reporta este estudo), 221 (*Biblia graece*), 239 (*Atenaeus graece*), 246 (*Ciceronis Rhet. de Inuent. etc. libri 13*), 267 (*Plutarchi Vitae graece*), 272 (*Herodotus & Pausanias grae.*), 275 (*Strabo de situ orbis grae.*), 295 (*Cornucopiae & Horti Adoninis grae.*), 296 (*Pollux de rerum uocabulis*), 320 (*Epistolae graecae nouem autorum*), 343 (*Herodianus graece pariter & Latine*), 384 (*Cornucopiae Perot. cum Festo Pompeio*). Além destes 16 títulos aldinos, o próprio autor do estudo Fritz Husner reconhece que o número 214, sem menção explícita do impressor, é o Aristóteles de 1495-1498 (p.258) e numerosas outras edições sem essa indicação são facilmente identificáveis como aldinas, sobretudo tratando-se de impressões em grego.

(9) *Journal autobiographique du cardinal Jérôme Aléandre (1480-1530) publié d'après les manuscrits de Paris et Udine* par M. Henri Omont, Paris, Imprimerie Nationale, 1895, p. 14, com referência ao ano de 1513: "Mart. 18.- Electus fui in rectorem Academiae Parisiensis, ducentis annis postquam Marsilius de S^a Sophia tale munus obierat, et nullus interim Italus, quantum e rectoris libris contigit videre". Aleandro orgulhava-se, portanto, desta altíssima distinção universitária.

(10) Sobre a edição do *Lucretius* aldino de 1500, ver Ant. Aug. Renouard, *op. cit.*, p. 23.

Pio Alberto de' Carpi, sobrinho de Giovanni Pico della Mirandola que, desde 1485, lhe dera Aldo Manuzio como preceptor. Esta carta pode considerar-se como o seu verdadeiro testamento espiritual: aí reconhece que os cristãos não devem deixar de ler obras em que avultem mentiras como as de Epicuro, porque a verdade cristã, comparada com as mentiras pagãs, brilha ainda com mais esplendor⁽¹¹⁾.

No ano de 1513 saem dos prelos aldinios dois dos mais célebres livros gregos editados no século XVI: as *Rhetorum Graecorum Orationes*, vasto florilégio de discursos em dois grandes volumes, e o Platão grego editado por Aldo e por Musurus, com uma epístola do impressor dirigida a Leão X, eleito pouco antes para o sólio pontifício⁽¹²⁾. Podem ler-se, logo depois da epístola aldina, 200 versos gregos compondo um poema do filólogo, obra-prima literária que, segundo os entendidos, seria digna de figurar ao lado das que ilustraram as letras helénicas antigas. Esta edição do *corpus* platónico grego é tida, pelos especialistas da história do Livro e da filologia do Humanismo, como tão importante ou porventura mais do que a do Aristóteles de quinze anos antes.

Marsilio Ficino havia traduzido e editado em 1484 em Florença o *corpus* platónico com largos comentários, o mais conhecido dos quais é a glosa ao *Simpósio*, conduzida com extrema liberdade⁽¹³⁾. Esta "glosa" foi vertida em vernáculo pelo seu autor ainda no século XV, mas só publicada em duas edições, uma florentina e a outra veneziana, no ano de 1544⁽¹⁴⁾. Marsilio Ficino dedica o seu árduo labor

- (11) Ant. Aug. Renouard, *Op.cit.*, pp. 74-75. Eis o passo que mais nos interessa, extraído de Aldo Manuzio *editore - Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, Introduzione di Carlo Dionisotti, Testo latino con traduzione e note a cura di Giovanni Orlandi, I, Milão, Edizioni Polifilo, 1975, p. 153: "En igitur tibi [Aldo dirige-se ao príncipe Pio Alberto de' Carpi, sobrinho de Giovanni Pico della Mirandola, o qual fora seu discípulo a pedido do seu famoso tio] Lucretius, et poeta et philosophus quidem maximus vel antiquorum iudicio, sed plenus mendaciorum. Nam multo aliter sentit de Deo, de creatione rerum, quam Plato, quam caeteri Academici, quippe qui Epicuream sectam secutus est. Quamobrem sunt qui ne legendum quidem illum censent Christianis hominibus, qui verum Deum adorant, colunt, venerantur. Sed quoniam veritas quanto magis quaeritur tanto apparet illustrior et venerabilior - qualis est fides catholica, quam Iesus Christus Deus optimus maximus, dum in humanis ageret, praedicavit hominibus - Lucretius, et qui Lucretio sunt simillimi, legendi quidem mihi videntur, sed ut falsi et mendaces, ut certe sunt".
- (12) M. Henri Omont, *Journal autobiographique de Jérôme Aléandre*, p. 14, com referência ao ano de 1513: "*Mart. 11.* - Leo X creatur pontifex Romanus, antea Johannes de Medicis cardinali dictus, aetatis anno [XXXVII]".
- (13) Ver referências à edição *princeps* do *corpus* platónico traduzido em latim por Marsilio Ficino no meu estudo *Marsilio Ficino (1433-1499) e Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494) em Bibliotecas Portuguesas*, Lisboa, 1989, separata do volume dos *Arquivos do Centro Cultural Português*, Paris, 1988, pp. 11-14.
- (14) *Marsilio Ficino (1433-1499) e Giovanni Pico della Mirandola (1363-1494) em bibliotecas*

a Lorenzo de' Medici lembrando-lhe que seu avô Cosimo lhe havia oferecido – a ele Marsilio – um códice precioso contendo em grego a obra platónica, como estímulo a que a traduzisse para latim⁽¹⁵⁾. Este cimélio, considerado perdido durante séculos, veio a ser descoberto e identificado em 1984 na biblioteca Medicea-Laurenziana de Florença⁽¹⁶⁾.

Aldo Manuzio dedica a Leão X, filho de Lorenzo de' Medici, a edição "crítica" do Platão grego, recordando-lhe a homenagem de Marsilio a seu pai e a seu avô Cosimo. Não sabemos se Aldo, desaparecido prematuramente em 6 de Fevereiro de 1515, alimentava ou não o secreto propósito de editar também em grego os escritos neoplatónicos de Plotino, traduzidos pela primeira vez para latim por Marsilio Ficino e editados em Florença num estupendo volume, impresso em caracteres redondos, no ano de 1492, sob a égide de Lorenzo, desaparecido pouco depois nesse mesmo ano⁽¹⁷⁾. Como quer que seja, não se alude, na epístola, ao Plotino de 1492, em cujo preâmbulo, endereçado ao Magnífico, Marsilio presta a sua homenagem a Giovanni Pico della Mirandola que o teria exortado, em Maio de 1484, apenas com a idade de 21 anos, a ele, Ficino, trinta anos mais velho, a empreender a versão e o comentário latinos do texto plotiniano⁽¹⁸⁾.

A epístola que abre o Platão grego de 1513 representa, na opinião dos mais autorizados estudiosos da filologia renascentista, depois do vasto plano humanístico de Erasmo – realizado, porém, através de um itinerário filológico, teológico e filosófico-moral que preenche os 28 anos que vão de 1508 a 1536 –, o mais significativo e importante "manifesto do Renascimento", nos primórdios do Cinquocento.

Portuguesas, p. 32, no capítulo "Marsilii Ficini opuscula in lingua latina scripta aut in eius patrium sermonem interpretata".

(15) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 122.

(16) *Marsilio Ficino e il ritorno di Platone - Mostra di manoscritti, stampe e documenti, Catalogo a cura di S. Gentile, S. Niccoli e P. Viti*, Premessa di Eugenio Garin, Florença, 1984, pp. 28-31: "Il codice di Platone donato al Ficino da Cosimo de' Medici".

(17) *Marsilio Ficino e il ritorno di Platone*, pp. 150-151. Existe, na Biblioteca Nacional, em Lisboa, assim como na Biblioteca da Ajuda, um exemplar desta importante edição. Ver, a esse respeito, *Marsilio Ficino (1433-1499) e Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494) em Bibliotecas Portuguesas*, respectivamente pp. 11-14 e 16-17.

(18) *Humanisme et Renaissance de l'Italie au Portugal - Les deux regards de Janus*, p. 329.

2. Aldo Manuzio começa por lembrar, na sua epístola ao novo Papa, a alegria do povo cristão perante a esperança que suscitara a eleição para o trono de S. Pedro de um homem virtuoso e amigo da paz, depois de tantas guerras que tinham ferido a Itália (e há, nas entrelinhas, uma alusão ao papa guerreiro Júlio II). Esta afigurava-se-lhe ser a melhor garantia para que uma nova era de tranquilidade constituísse, na Itália, um prenúncio do regresso aos tempos do Magnífico⁽¹⁹⁾. Também o autor dos *Adagia*, no final do *Dulce bellum inexpertis*, saudara Leão X como um príncipe pacífico depois do pontificado agitado de Júlio II: Erasmo assistira, em 1506, à entrada triunfal em Bolonha de um Vigário de Cristo que mais parecia ser a imagem de um César romano⁽²⁰⁾. Aldo não esconde a sua esperança de que as guerras, que tanto devastaram a Itália e tinham começado à morte de Lorenzo de' Medici, acabariam graças aos esforços e ao zelo do seu filho, erguido ao sólio papal⁽²¹⁾. O próprio facto de Leão X ser tão jovem – contava então 38 anos – era um sinal premonitório de paz, pois um papa decrépito não seria dotado da energia indispensável para tamanho empreendimento⁽²²⁾. Aquele era, portanto, um momento único na história da Itália e do continente europeu. O novo pontífice viria a ter muito em breve, no seu rebanho, gentes exóticas que nem os Romanos conheciam, nações estranhas e longínquas submetidas a reis cristãos⁽²³⁾. Dir-se-ia – escreve Aldo – que se aproximavam os tempos anunciados em que haveria apenas uma só grei e um só pas-

(19) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 120: "Quamobrem, cum primum creatus es pontifex maximus, tantam ceperunt voluptatem Christiani omnes, ut dicerent, praedicarent, affirmarent alter alteri, cessatura brevi mala omnia, quibus opprimimur, futura bona, que seculo aureo fuisse commemorant".

(20) Quem sabe se não foi a profunda impressão desta imagem de um papa guerreiro a levar Erasmo a escrever o "Julius exclusus" que com boas razões lhe é atribuído?

(21) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 120-121: "O ter quater damnosam, o semper dolendam, semper deflendam mortem! Sed ad haec omnia una consolatio est, quod, sicut paulo post mortem patris tui tanta incendia belli exorta sunt, sic te, illius filio, creato pontifice maximo, brevi tua opera, tuo unius studio penitus extinguentur".

(22) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 121: "Tertium est aetas tua: non enim sine numine divum factum est, ut tu, nondum annum agens trigesimum octavum, pontifex maximus crearere posthabitis tot magnis patribus, tot summa veneratione dignis senibus".

(23) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 121: "Additur et illud, quod maximi faciendum est: tantum terrarum, tantum maris, tot varios populos ante vel Romanis illis rerum dominis nedum nobis incognitos inveniri aetate nostra et subiici Christianis regibus [...]".

tor⁽²⁴⁾. Como Aldo Manuzio se iludia! Uma grande parte da Europa estaria, quatro anos depois, separada de Roma. É exactamente neste passo em que o impressor-humanista expressa a sua ilusória esperança, a qual, à luz da realidade histórica de então, mais se pretende como um anelo do que um juízo coerente fundamentado, que se situa o início das referências elogiosas aos Portugueses como descobridores, personificados na figura emblemática do Rei D.Manuel I.

"Como elogiar bastantemente o rei de Portugal D.Manuel que há tantos anos – exclama Aldo – procura descobrir, com uma poderosa frota, novas terras e novos reinos⁽²⁵⁾? Vencedor desses povos, dá-lhes efectivamente as suas leis e tem a felicidade de lhes proporcionar, deste modo, as vias adequadas mediante as quais poderão atingir a mansão celeste⁽²⁶⁾. Desde Lisboa, onde embarcou, depois de haver atravessado Câncer, o equinócio e Capricórnio, tendo-se aproximado das paragens antárticas, inverteu o sentido da rota com a circum-navegação de toda a África e de uma parte da Ásia⁽²⁷⁾. Com um percurso de mais de cento e quarenta vezes cem milhas romanas, atingiu Calicute, terra das aromáticas especiarias. Deixando, depois, à direita, a ilha de Ceilão, atingiu o extremo limite de Malaca, terra fértil, povoada, rica de mercados⁽²⁸⁾. Vencedor destes povos num combate cruento, acabou por tornar-se seu dominador e de tal arte que, havendo eles conhecido a religião e o comportamento piedoso dos cristãos, logo pediram o baptismo⁽²⁹⁾. Ó rei venturoso! Herói para sempre admirável e tão digno dos elogios presentes como dos encómios futuros! Assim os

-
- (24) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 121: "[...] ita ut, te rectore Romanae ecclesiae, sperandum sit unum futurum ovile sub uno pastore, eodemque optimo et pientissimo".
- (25) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 121: "Quapropter nunquam satis laudari potest Emanuel, rex Lusitaniae invictissimus, qui multos iam annos nunquam desinit vallidissima classe novas terras nova regna disquirere".
- (26) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 121: "[...] victorque beatos per Populos dat iura viamque affectat Olympo".
- (27) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 121: "Solvens enim Olyssippone ac praeteriens circulum Cancrī Aequinotiiq̄ue et Capricorni, proxime Antarcticum, tum vertens cursum, rursus circulum Capricorni Aequinoctiiq̄ue transiens, totam Africam ac bonam totius Asiae partem circuiit".
- (28) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 121: "itinere ad centies ac quadragies et amplius centena millia passuum, devenitque in locum aromatum quam ditissimum, Callicutium appellatum, atque inde nuper ad dexteram, relicta Taprobane insularum maxima, devenit ad urbem nomine Malacen, populosissimamque ac ditissimam et plenam mercium".
- (29) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 121: "eamque difficillimo praelio victor tandem expugnavit. At illi, cognitis sacris nostris, visis Christianorum moribus, certatim baptizantur".

outros reis, em vez de se destruírem ou de aniquilarem as suas pobres gentes, imitassem um tão nobre exemplo! Prouvera a Deus que assim fosse⁽³⁰⁾!"

O discurso, depois de um tão retórico lanço estilístico, retoma o ritmo da exortação persuasiva, dirigido ao seu destinatário. Se, deste modo, todos os povos da Terra haverão de reconhecer o único e verdadeiro Deus na fidelidade a Cristo, compete ao seu vigário levá-los a amar-se reciprocamente, convencê-los a depor as armas e a restabelecer a paz⁽³¹⁾. O pontífice poderá, assim, socorrer gentes aflitas esforçando-se por combater os piores inimigos da mensagem cristã. Impõe-se ainda enviar, aos novos povos descobertos, apóstolos que lhes preguem o Evangelho, podendo desde já encarregar desse ofício missionários que hajam de converter, à verdade única, os Índios recentemente descobertos pelos Espanhóis, no Oceano Atlântico⁽³²⁾. Eis um passo que dir-se-ia ter inspirado Erasmo que, no seu *Ecclesiastes*, formula uma idêntica proposta e da qual Damião de Góis, na sua *Deploratio Lappianae gentis*, dir-se-ia igualmente ter recebido notícia⁽³³⁾.

O autor vai agora focar o tema de um outro género de descobrimentos: os que se relacionam com as letras, com os textos e os livros. Escreve, com efeito, Aldo Manuzio, no acto de estabelecer o trânsito para um outro objecto do discurso: "Mas,

(30) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 121: "O felicissimum regem! o heroem semper mirandum, colendum, extollendum in coelum laudibus et nobis et posteris seculorum omnium! Atque utinam caeteri Christianorum reges idem fecerent, nec inter se crudeliter bella gerendo, seipsos ac potius miseros populos absumerent!"

(31) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 121: "Nam paucis annis omnes homines ubique terrarum Deum verum cognoscerent, in Iesum Deum optimum maximum constanter crederent eumque solum supplices adorarent. Sed cognoscent, credent, adorabunt te pontifice. Cum enim tu, pater, amare inter se filios tuos, nedum proicere tela manu coegeris afflictisque populis succurreris, restituta pace [...]"

(32) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 121-122: "[...] restituta pace, curabis debellandos Christiani nominis acerrimos inimicos; curabis homines, ubicumque terrarum incogniti lateant, disquirendos, ad eosque subactos mittes apostolos tuos ad praedicandum illis Euangelium, ut, sacris Romanae ecclesiae instituti, soli Deo nostro serviant. En potes iam ab Indis incipere, potes ab aliis populis, quos in oceano occidentali Hispani superioribus annis inveneri".

(33) O *Ecclesiastes* de Erasmo é de Agosto de 1535 e trata da pregação evangélica que, segundo o humanista, os príncipes cristãos poderiam incentivar nas novas terras, conquistadas porém, não raro, a ferro e fogo, por meios que ferem a mensagem cristã. Escrevi, a propósito da *Deploratio Lappianae gentis* de Damião de Góis, in *Humanismo e Erasmismo na Cultura Portuguesa do Século XVI*, Paris, Fundação Calouste Gulbenkian, 1973, p.73: "Para Junto dos Lapões, em seu entender [de Damião de Góis], não deviam mandar-se cartas, mas varões doutos e santos, por cujo exemplo e doutrina aqueles povos pudessem ser reduzidos à obediência da Sé Apostólica na Fé de Cristo": "Ad id non tantum litterae, sea uiri quoque docti, et sanctitate vitae probati uidentur mittendi, ut haec prouinciae Romanae Ecclesiae per Christi fidem coniungantur".

Santo Padre, uma não menor glória te está destinada: – A de fazeres reviver a literatura, a de ofereceres aos homens cultos de hoje e de amanhã os textos melhores, expandindo assim as letras e as artes⁽³⁴⁾. Insignes figuras, na Antiguidade grega, romana e mesmo bárbara, procuraram fazê-lo já e com isso se tornaram imortais. Um tal exemplo, foi, aliás seguido em tempos próximos não só por quantos não detinham uma responsabilidade pública, mas por imperadores, reis e pontífices. Se houvéssemos de referir algum, bastaria invocar os nomes de Nicolau V e de teu pai Lourenço⁽³⁵⁾. O que eles não teriam feito se a vida lhes fora mais longa! Tantas coisas de valor se perderam! Com eles, acabariam por eternamente existir. E o que se fez ter-se-ia feito com melhor e mais qualidade...Eis o que te cumpre, a ti, sucessor de Nicolau e filho de Lourenço⁽³⁶⁾!"

O passo que se segue oferece grandíssimo interesse por nos permitir verificar que Aldo se não envaidecia com os aplausos unânimes dirigidos ao seu trabalho, esmagador mas fecundo, e às suas admiráveis edições gregas, latinas e italianas. Assumia a inteira consciência das imperfeições que maculavam, apesar de tantos esforços, as suas obras. Recebia, com efeito, elogios dos humanistas mais ilustres. "Como estas palavras estão longe de corresponder – escreve o exigente impressor – ao que eu mesmo julgo acerca do que tenho produzido⁽³⁷⁾!" E continua: – "Não publiquei até hoje um único livro que me haja dado inteira satisfação. Nenhuma das obras que até hoje editei é tão bela e tão perfeita como eu teria desejado que fosse. Eis a razão por que, quando um lapso foge à minha atenção e à daqueles que comigo trabalham, afligem-me tanto tais defeitos que estaria disposto a resgatar cada um deles a preço de

(34) *Aldo Manuzio editore - Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 122: "Nec minor gloria servatur tibi, beatissime pater, instaurandis bonis literis, suppeditando optimos quosque libros studiosis, et qui nunc sunt et qui post aliis erunt in annis, propagandis bonis artibus et disciplinis".

(35) *Aldo Manuzio editore - Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 122: "Tentarunt hoc olim plurimi ex veteribus, Graeci et Latini et barbari; et quia mirum in modum profuere, consecuti sunt ex ea re gloriam sempiternam. Tentarunt et nonnulli ex iunioribus, non solum privati ac mediocris fortunae homines, sed et pontifices maximi, imperatores, reges atque alii illustres; et ut taceam caeteros, nonne plurimum iuvit rem literariam Nicolaus V pontifex maximus? nonne et parens tuus Laurentius?"

(36) *Aldo Manuzio editore - Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p.122: "Qui si diutius vixissent [Nicolau V e Lorenzo de Medici], multa essent in manibus, quae non habentur; tum quae habentur, facta fuissent eorum cura longe meliora. Debes tu igitur, illius magnus successor, huius dignus filius, quod efficere illi morte praeventi non potuerunt, perficere".

(37) *Aldo Manuzio editore - Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 122: "Ita me amant de tantis laboribus, ut nunc coram nunc accuratis literis laudando obtundant. Sed non ego credulus illis: nullum enim adhuc dedi librum, in quo mihi satisfecerim".

ouro, ainda que seja natural – confessa – surpreender-nos às vezes o sono em tantos e tão duros labores, aturados sem pausa, suportados sem um quotidiano descanso⁽³⁸⁾".

Estas palavras repassadas de amargor, mas vibrantes de ardoroso amor por uma ciência rigorosa, anunciam já o Platão grego. Marsilio Ficino – como já se viu – havia dedicado em 1484 ao Magnífico a sua tradução do *corpus* platónico. Aldo sublinha que, sob a égide iluminada e generosa de Lourenço, Florença se tinha transformado numa nova Atenas⁽³⁹⁾. Era, portanto, justíssimo que ao filho de tão alto pai fosse dedicado o texto original de Platão, ora aparecido em letra de forma exactamente como ele o compôs em grego, naquele belíssimo grego ático, apurado através de uma colação rigorosa de preciosos manuscritos. Uma obra concebida por um tão divino espírito só podia ser oferecida ao representante de um divino Senhor, como Chefe da Igreja fundada por Cristo, o Verbo de Deus⁽⁴⁰⁾.

É agora que Aldo vai impetrar a Leão X o apoio para a sua própria Academia de estudos gregos, exortando-o a que a reinstitua na própria sede romana. Prestando a sua homenagem ao helenista Musurus, seu colaborador no trabalho do estabelecimento textual, tem palavras de franco elogio para o gramático de seguro conhecimento linguístico e para o filólogo de agudo e desperto intelecto. Foi com a sua ajuda que ele, Aldo, pôde levar a cabo uma obra igualmente valiosa para Gregos e Latinos, através de uma minuciosa revisão dos escritos platónicos em códices veneráveis pela sua antiguidade⁽⁴¹⁾. Ambos anelavam por uma longa e fecunda era de paz para

(38) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 122: "Quamobrem, quotiescunque vel mea vel eorum incuria, qui mecum corrigendis libris incumbunt, aliquo in libro quamvis parvus error committitur, etsi opere in omne fas est obrepere somnum - non enim unius diei labor hic noster, sed multorum annorum, atque interim nec mora nec requies -, sic tamen doleo, ut, si possem, mutarem singula errata numo aureo".

(39) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 122: "Damus igitur nunc, beatissime pater, quaecunque extant Platonis opera, idque sub tuo nomine felicissimo. Quod ob eam quoque causam fecimus, quia, cum Marsilius Ficinus, domus tuae alumnus, Platonis opera latina a se facta Laurentio parenti tuo dicaverit, quoc sic foverit semper doctissimos quosque utriusque linguae, ut Florentia et esset et haberetur vivente Laurentio Athenae alterae [...]".

(40) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 122: "nos quoque tibi, illius filio eidemque pontifice maximo, tum decori et praesidio expectato huius aetatis eruditorum, eiusdem authoris libros, eosque Graecos atque Articos, quales ipse composuit, merito dedicare volumus. Simulque ea in re morem gessimus quibusdam amicis nostris, amantissimis bonarum literarum, qui, etsi, id mea sponte eram facturis, tamen amice me monuerunt, ut nulli magis divini hominis lucubrationes quam tibi, summo divinarum rerum antistiti nuncuparentur [...]".

(41) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, pp. 122—123: "sperantes eam rem Academiae, quam tot annos parturimus, mirum in modum profuturam, ut scilicet nos foveas, provinciamque hanc nostram, maximi cuiusque principis favore ac auxilio dignissimam,

que, sob os auspícios do filho de Lourenço de' Medici, a Academia grega pudesse frutificar e prosperar. Com uma referência derradeira ao seu Platão⁽⁴²⁾, Aldo encerra o discurso aludindo mais uma vez à tão almejada paz – como Erasmo nos *Adagia* – e à tão negregada guerra que ensagentava a já tão venturosa Ausónia, agora também ameaçada de extermínio pelos Turcos, os novos bárbaros⁽⁴³⁾.

O epílogo contém uma derradeira exortação a Leão X no sentido de pacificar a família cristã e, como amigo das Letras, cultor que era das gregas e latinas, de participar na obra renovadora em que havia tantos anos Aldo se empenhara para geral benefício da comunidade dos doutos e de todos os que acreditavam que as luzes da Grécia só podiam anunciar o Sol de Jesus Cristo⁽⁴⁴⁾. Não terá este escrito inspirado o *De transitu hellenismi ad Christianismum* de Guillaume Budé⁽⁴⁵⁾?

3. Procurei resumir e interpretar esta epístola admirável do príncipe dos impressores. Neste verdadeiro manifesto do Humanismo renascentista, Aldo Manuzio associa os Descobrimentos portugueses às descobertas textuais, alcançadas através

amplectaris, ac potius eam ipsam Academiam, sempiternum bonum hominibus, tu pontifex maximus in urbe Roma cures instituendam. Quorum unus ac praecipuus est Musurus Cretensis, magno vir iudicio, magna doctrina, qui hos Platonis libros accuratè recognovit cum antiquissimis conferens exemplaribus, ut una mecum, quod semper facit, multum adiumenti afferret et Graecis et nostris hominibus".

- (42) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 123: "Quapropter non minus quam nos pacem desyderat; aeque ac nos et ipse, ut tuo sumptu, tuis opibus fiat Academia rogat".
- (43) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 123: "Tu modo, beatissime pater, qui Iesu Christi Dei optimi maximi locum tenes, cuique commissa est cura populorum, curabis pro viribus, quae tua est probitas, tua prudentia, tua pietas, pacem, quam solam moriturus Christus tanquam testamenti reliquit hominibus, habendam passim Christianis tuis, qui nunc, inter se cheu bella gerentes crudelissima, validas Christianorum vireis infesto ferro absumunt, quo graves Turcae melius perirent; curabis, inquam, tu, communis omnium pater, summa tua autoritate sanguinolentos filios tuos componendos [...]".
- (44) Aldo Manuzio editore - *Dediche, Prefazioni, Note ai testi*, p. 1213 "Atque interim non minus quam nos speramus, favebis nobis, tandiu ac tantum pro re literaria laborantibus. Nam, etsi maximum videmur attulisse adiumentum utriusque linguae studiosis, tamen tanto maius allatur sumus, te amplexante provinciam nostram, quanto maior est Aldo Leo X pontifex maximus".
- (45) Guillaume Budé foi, como helenista, um discípulo da Itália, que visitou: ao proclamar que um conhecimento profundo do pensamento (veiculado pelas letras helénicas) pode levar ao ádito da verdade cristã, limitou-se a teorizar o que o humanismo quatrocentista defendia, quer na Academia Neoplatónica de Florença quer na Academia Aldina de estudos gregos. Aldo desejava-a, como exprime no seu texto, reinstituída em Roma por Leão X. Ver, acerca da Academia Aldina e do seu regulamento em grego e em latim, *Aldi Pii Manutii scripta tria longe rarissima a Iacobo Morellio denuo edita et illustrata* [âncora alфина com o golfinho], Bassani, Typis Remondinianis, M.DCCC.VI., pp. 40-65.

dos métodos da renovada filologia. Antes de Lefèvre d'Étaples o qual, no preâmbulo da sua edição do Novo Testamento de 1522, reconhece a importância dos Descobrimentos ibéricos para, num mais amplo espaço, se anunciar o Reino de Cristo⁽⁴⁶⁾, Aldo Manuzio sabe-o e di-lo com límpida claridade ao novo papa. Só 32 anos mais tarde no seu *Ecclesiastes* de Agosto de 1535, Erasmo havia de enfim aceitar que o estabelecimento de príncipes cristãos nos continentes recentemente achados – África, Ásia, Américas – poderia representar um meio para melhor anunciar a Boa Nova a gentios e a pagãos. Menos optimista do que Aldo e Lefèvre, Desidério Erasmo não escondia, porém, que esses príncipes seguiam frequentemente o exemplo de Pedro desembainhando a espada sem piedade, contra a expressa recomendação de Cristo no sentido de ela ser reposta na bainha, até para não ferir os corpos sob o pretexto falacioso de salvar as almas...

No limiar dos Tempos Modernos, as viagens marítimas vieram valorizar e enriquecer o conhecimento das civilizações orientais por parte de uma Europa humanista. A assimilação deste saber do mundo e dos homens, então possuído através dos Descobrimentos, a um outro conhecimento não menos valioso, melhorado por achados filológicos, no sentido de um aperfeiçoamento da ciência dos textos gregos, latinos e vulgares, podemos documentá-la na epístola que antecede o Platão grego de 1513. Aldo Manuzio Pio Romano estende, sem ambiguidade, em termos de uma limpidez cristalina, a sua demonstração, sábia e convincente. Já noutros breves discursos, designadamente de oradores ou embaixadores portugueses⁽⁴⁷⁾, se haviam feito referências explícitas aos Descobrimentos numa elegante *latinitas*, mas não com o relevo, a ênfase, a incidência cultural e o entusiasmo que acabamos de admirar no pórtico literário e filológico desta valiosíssima edição: acontecimento memorável na história da filologia moderna do Humanismo. Nem envolvendo no mesmo encómio o Descobrimento de novos mundos e a descoberta de novos textos, com um método mais eficaz para os restituir à sua pureza original.

(46) A alusão de Lefèvre d'Étaples é incidental mas significativa, embora esteja longe de alcançar a importância histórico-cultural da carta de Aldo a Leão X. Não obstante o grandíssimo interesse da referência erasmiana do *Ecclesiastes* aos novos espaços descobertos em que poderia pregar-se o Evangelho, também o passo da *ars concionandi* de 1535 está longe de poder competir, em alcance histórico-humanístico, com o da epístola aldina.

(47) Ver a recente notável introdução de Luís de Matos à reprodução facsimilada do *Itinerarium Portugalensium* milanês de 1508, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1992, pelo que concerne ao interesse histórico dos discursos pronunciados na corte de Roma pelos oradores ou embaixadores de Portugal. Martim de Albuquerque editou em Lisboa, em 1988, com úteis notícias bibliográficas, uma dezena dessas *orationes*.

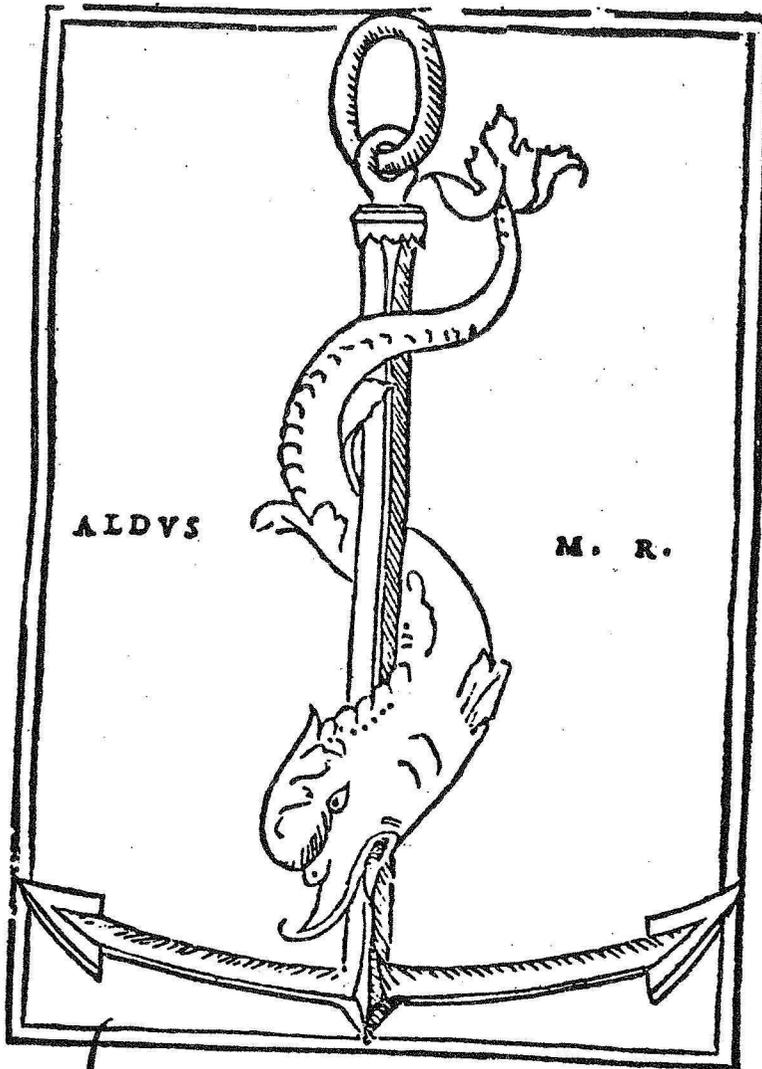
Que eu saiba, apenas na tese doutoral de Luís de Matos sobre *L'Expansion portugaise dans la littérature latine de la Renaissance*⁽⁴⁸⁾, defendida em Janeiro de 1959 na Sorbonne, se alude entre nós a esta epístola, através da versão francesa transcrita no livro de Ambroise Firmin-Didot "Alde Manuce et l'Héllénisme à Venise"⁽⁴⁹⁾, Paris, 1875.

(48) Luís de Matos, *L'Expansion Portugaise dans la littérature latine de la Renaissance*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Serviço de Educação, 1991, p. 344.

(49) *Alde Manuce et l'Héllénisme à Venise* par Ambroise Firmin-Didot, Paris, Typographie d'Ambroise Firmin-Didot, 1875, pp. 346-351. Sobre o Platão grego de 1513, ver o belo ensaio de Abel Lefranc *Le Paton de Rabelais, Etude sur un autographe inédit*, Paris, Librairie Henri Leclerc, 1901 (separata do *Bulletin du Bibliophile*), com a reprodução da portada da famosa edição aldina que nesta nossa nota analítica reproduzimos também. Pelo que concerne à ubiqualção da oficina aldina, ver de Harry George Fletcher III, *New Aldine Studies*, São Francisco, Bernard M. Rosenthal, 1988, pp. 62-74.

ἌΓΑΝΤΑ ΤΑ ΤΟΥ ΠΛΑΤΩΝΟΣ.

OMNIA PLATONIS OPERA.



Francisci Laboleji medici aegidiotarum.
Kj m' avto φησεν γγισιαν?